

# FAMÍLIA, LUGARES E TROCAS: APLICANDO O CONCEITO DE “ESPAÇO DE VIDA” PARA O ESTUDO DE DINÂMICAS POPULACIONAIS NA AMAZÔNIA BRASILEIRA\*

*Thais Tartalha Lombardi\*\**

**Resumo:** A localidade de residência de parentes e a ajuda entre unidades domésticas de áreas urbanas da Amazônia brasileira são estudadas para pensar elementos da distribuição espacial e dinâmica da população. Como abordagem operacionalizamos uma parte do conceito de “estratégias de sobrevivência familiar” usando o conceito de “espaço de vida” como aporte para captar elementos do capital social e físico que compõe estas estratégias com o uso da análise de correspondência. Os resultados mostram que a utilização desse arcabouço é útil, demonstrando a diversidade das características da distribuição espacial da população em diferentes áreas da Amazônia.

**Palavras-chave:** Família. Espaço de vida. Amazônia brasileira. Urbanização. Metodologia.

**Family, places and networks: applying the concept of "life space" to study population dynamics in the Brazilian Amazon**

**Abstract:** Parents' place of residence and help among households in urban areas in the Brazilian Amazon are studied here to understand some features of population

---

\* Agradeço às/aos pareceristas anônimos que ao lerem uma primeira versão deste texto deram sugestões fundamentais para sua melhoria.

Este artigo é desdobramento do projeto de doutorado "A(s) Fronteira(s) Amazônicas: Dinâmicas populacionais pensadas a partir do estudo de estratégias de sobrevivência em três áreas urbanas da Amazônia brasileira", financiado pela FAPESP, processo 2001/06034-9

\*\* Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais (IPPRI), Universidade Estadual Paulista – Unesp, São Paulo-SP, Brasil (thaistnl@ippri.unesp.br). Recebido em: 02/03/2015 – Aceito em: 02/07/2015.

spatial distribution and dynamics. As an approach, part of the concept of “sustainable family livelihood”, is operationalized through the concept of “life space” as a tool to capture elements of the physical and social capitals of the livelihoods by using correspondence analysis. Results seem to be positive in the sense that they allow to visualize the diversity of the population spatial distribution at different areas of the Amazon.

**Keywords:** Family. Life space. Brazilian Amazon. Urbanization. Methodology.

#### **Família, lugares e intercambios: aplicando el concepto de “espacio de vida” para el estudio de dinámicas poblacionales en la Amazonia brasileña**

**Resumen:** La localidad de residencia de los parientes y la ayuda entre las unidades domésticas en las zonas urbanas de la Amazonía brasileña están aquí estudiadas para pensar en los elementos de la distribución espacial y dinámica de la población. Como enfoque se operacionalizó una parte del concepto de “estrategias de supervivencia familiar” utilizando el concepto de “espacio de vida” como un aporte para captar elementos del capital social y físico que conforman estas estrategias con el uso del análisis de correspondencia. Los resultados muestran que el uso de este marco es útil, demostrando la diversidad de las características de la distribución espacial de la población en las diferentes áreas de la Amazonía.

**Palabras clave:** Familia. Espacio de vida. Amazonía brasileña. Urbanización. Metodología.

### **Introdução**

Em estudos recentes sobre a Amazônia brasileira tem havido um crescente interesse em discutir as relações entre rural e urbano na região (PADOCH et al., 2008). Em particular estes estudos têm se preocupado em abordar tal temática recortando análises de dinâmicas e estratégias domiciliares que estariam conectadas a transformações no uso e ocupação do ambiente (DE SHERBININ et al., 2008; VANWEY; GUEDES; D’ANTONA, 2012). Desta forma, o urbano amazônico passa a ocupar um lugar cada vez mais central no entendimento da relação entre população e ambiente, já que a mobilidade entre áreas rurais e urbanas, a composição da população (sexo e idade), e as estratégias familiares, parecem ser cada vez mais atravessadas por ele.

Procurando somar a tais estudos, e às tendências apontadas por eles, nos ocupamos em entender certa dinâmica entre parentes

residentes em diferentes unidades domésticas a partir de suas localidades (mesmo município, outro município, outro estado), situações de domicílio (rural ou urbano), e ajudas (monetária, serviços, etc.). Escolheu-se uma abordagem que segue os passos da construção metodológica feita por Lombardi (2014), utilizando-se do mesmo banco de dados que a autora<sup>1</sup>. Assim, segundo esta abordagem teríamos como arcabouço principal as “estratégias de sobrevivência familiar” (LOMBARDI, 2014a), composta por diferentes variáveis conectadas, chamadas de capitais, contextos, processos e habilidades.

Por ser uma relação complexa entre variáveis, neste texto se operacionaliza apenas parte dos capitais através da aplicação do conceito de “espaço de vida” (COURGEAU, 1984). Contudo, este não é um estudo exaustivo sobre o “espaço de vida” das famílias, mas tão somente a aplicação de uma metodologia e as análises de sua validade enquanto aporte para se chegar até as “estratégias de sobrevivência”, bem como para captar dinâmicas populacionais delas resultantes. Recortam-se três cidades na Amazônia brasileira que expressam diferentes momentos do processo de ocupação da região e também dinâmicas econômicas: Altamira (PA), Santarém (PA), e Lucas do Rio Verde (MT).

Os resultados indicam uma grande variação no tipo de dispersão espacial que se estabelece dentro dos grupos familiares em cada uma das áreas de estudo, apontando para diferentes relações entre áreas rurais e urbanas em cada uma. Deste modo, a operacionalização do conceito de “espaço de vida” demonstra ser ferramenta útil e capaz de auxiliar no entendimento de dinâmicas familiares e suas reverberações em elementos da dinâmica populacional, particularmente na distribuição espacial da população.

---

<sup>1</sup> A escolha por se trabalhar com o mesmo banco de dados impôs a mesma limitação já que os dados colhidos só se referem à Unidade Doméstica (UD) de referência (entrevistada) e seus pais ou filhos residentes em outras unidades domésticas. Não há informações sobre vizinhos, comunidade ou associações que poderiam ajudar a iluminar ainda mais as “estratégias de sobrevivência familiar”.

Finalmente, o uso dessa metodologia se justifica pela preocupação em trazer para a análise a dimensão do espaço e as escalas em que as dinâmicas se dão. Ademais, contribui para pensar o processo e os sentidos da urbanização na Amazônia a partir da forma pelas quais famílias se distribuem pelo espaço e se relacionam. Para tanto, estruturamos o texto em quatro partes. Inicialmente se apresentam os aportes teórico-metodológicos nos quais se apoia o texto, dando subsídio para a parte seguinte, que é a descrição dos dados e áreas de estudo, e as metodologias de análise utilizadas. Na sequência são apresentados e debatidos os resultados obtidos, fechando-se o texto com algumas considerações finais.

#### **Articulando conceitos para entender características da dinâmica demográfica e sentidos do urbano amazônico**

Este texto busca articular o conceito de “espaço de vida” elaborado por Courgeau (1984, 1987) como aporte metodológico para análise da distribuição espacial e relações de troca de um grupo de parentes residentes em diferentes unidades domésticas. O “espaço de vida” corresponde ao espaço material (físico) e imaterial (social, cultural) cujas características e práticas contêm a vida de indivíduos ou grupos. Uma componente marcante é ser desenhado de forma a permitir ser um conceito tanto comparativo de trajetórias de indivíduos quanto de estudos longitudinais. Assim, o “espaço de vida” pode ser pensado tanto como uma recuperação/entendimento de um ponto no tempo (um mesmo grupo ou entre grupos de gerações diferentes) como as mudanças ao longo do tempo (estudo longitudinal sobre mudanças no espaço de vida em uma geração).

Contudo, a importância do conceito é que seu desenho tem como pressuposto reconhecer a complexidade do entendimento de dinâmicas populacionais ou de outros conceitos como *ciclo vital*

ou *curso de vida*<sup>2</sup>, sendo um conceito que elabora elementos para se chegar a outros conceitos. Por isso a proposta deste texto foi seguir a construção metodológica de Lombardi (2014b), que agrega o conceito como metodologia de análise para captar elementos das redes de sociabilidade familiar e localidade de residência que compõem o que a autora chama de “estratégia de sobrevivência familiar” (LOMBARDI, 2014a).

As “estratégias de sobrevivência familiar” são a tradução do conceito de “sustainable rural livelihoods” elaborado por Ian Scoones (1998) que se caracteriza como um conceito-metodologia de análise, e se propõe entender como grupos familiares ou indivíduos acessam, dispõem, ou modificam, todo e qualquer capital, qualidade, atividade ou atributo, que esteja em sua posse ou acessível a eles, com vistas a se tornar resiliente, ou seja, capaz de manter sua condição de vida ou superá-la. Segundo Rakodi (2002) em contextos de áreas urbanas em que há uma fluidez e conectividade com áreas rurais o conceito ajuda a pensar essa relação.

O conceito de Scoones (1998) encontra eco na formulação de conceito homônimo desenvolvido por autores latinoamericanos como Duque e Pastrana na década de 1970 (PRIETO, 1998)<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Sobre os conceitos de *ciclo vital* e *curso de vida* é necessário dizer que são o substrato de onde se desenvolve o conceito de “espaço de vida”. Isto porque reconhecem que a passagem do tempo reflete em diferentes dinâmicas e arranjos, tanto para indivíduos como para famílias. Por isso se desenvolveram para refletir sobre as etapas (ciclo vital) ou as diferentes trajetórias (curso de vida) de seus objetos de estudos. Courgeau (1984), procurando avançar em meios teórico-metodológicos de usar ambos os conceitos, desenvolve o “espaço de vida” como ferramenta para reconhecer e captar os elementos materiais e imateriais que compoem estas etapas ou trajetórias. A bibliografia sobre ambos os conceitos é extensa tanto quanto seus usos (BLAAUBOER; STRÖMGREN; STJERNSTRÖM, 2013; ELDER, 1987; GLICK, 2009; GUEDES et al., 2011; OLIVEIRA, [s.d.]) e por isso aqui não vamos aprofundá-la, nos restringindo ao conceito inspirado por elas.

<sup>3</sup> O trabalho de Prieto (1998) e de Torrado (1981) são boas referências para se recuperar o histórico do conceito a partir de sua discussão nas décadas de

e revisto metodologicamente por autores como Torrado (1981) e Hintze (2004). Contudo, as formulações de ambas as linhas se distanciam na base teórica na qual se fundamentam, pois enquanto o conceito latino-americano parte de uma base mais marxista, remetendo as análises aos estudos das classes sociais (TORRADO, 1981), os fundamentos teóricos de Scoones (1998) e outros se baseiam na conceituação de capitais e capacidades<sup>4</sup> como sugeridas por Sen (SEN, 2001). Embora as duas matrizes teóricas e seus fundamentos sejam complementares e possuam elementos de diálogo importantes, as duas vertentes não foram utilizadas até hoje de forma conjunta.

Assim, sugerindo essa complementaridade, vemos a operacionalização metodológica de Lombardi (LOMBARDI, 2014b) dos componentes das capacidades e capitais de uma forma muito similar com a sugerida por Torrado (TORRADO, 1981) para operacionalização do conceito de “estratégias familiares de vida” sem, contudo, haver uma real influência desta naquela formulação, o que só demonstra a compatibilidade de ambas as formulações teóricas sobre “estratégias de sobrevivência”. Sendo a principal aproximação o fato de que os capitais seriam compostos de elementos materiais e imateriais mais ou menos dispostos como: capital econômico (aqueles ligados à renda e acesso a bens financeiros), social (aqueles ligados aos elementos imateriais, como as redes sociais), cultural (aqueles ligados à cultura como práticas e a linguagem), e físico (aqueles ligados aos elementos materiais, como a casa ou sua localização). As variáveis que compõem cada um dos capitais são, contudo, um assunto sobre o qual autores divergem bastante, dependendo basicamente dos pressupostos

---

1970 e 1980 no âmbito do PISPAL e todas as críticas e reformulações que o conceito sofreu desde então.

<sup>4</sup> Não seria correto dizer que o conceito como trabalhado pelos autores latinoamericanos não incorporem as dimensões dos capitais, o que ocorre é que os mecanismos através dos quais o fazem (incluindo os pressupostos teóricos e metodológicos) divergem um pouco.

através dos quais cada um elabora seus capitais, principalmente em relação aos dados de que dispõem.

Assim, buscando trabalhar o conceito de “estratégia de sobrevivência familiar” recortamos alguns elementos componentes dessa estratégia que se refeririam à dispersão espacial e redes de ajuda. Ambos poderiam ser capturados através da aplicação e operacionalização do conceito de “espaço de vida” e corresponderiam aos elementos que caracterizariam o capital social (ajudas) e físico (local de residência dos membros). Claro que não se esgota o potencial de pensar o “espaço de vida” como conceito-metodologia para captar capitais, mas antes indicamos seu potencial, em particular no que se refere à possibilidade de analisar em conjunto elementos de capitais diferentes e como divergem.

Na próxima seção serão tratados com mais profundidade os elementos em análise. Aqui, é importante fazer mais algumas apreciações sobre a ajuda (e dentro dela as trocas), a mobilidade (e a dispersão espacial) e o urbano amazônico. Na literatura as trocas intergeracionais aparecem como elementos importantes para se entender arranjos domiciliares, escolha de moradia, e até estratégias migratórias (BLAAUBOER; STRÖMGREN; STJERNSTRÖM, 2013; CONWAY; COHEN, 2003; MACIEL, 2012). Tais abordagens procuram identificar como essas trocas se relacionam com os diversos capitais acessados pelos indivíduos dentro de suas estratégias de sobrevivência (RAKODI, 2002). Em geral os trabalhos que tratam do tema identificam com mais facilidade trocas em termos monetários, e por isso grande parte dos estudos sobre o tema recorrem à perspectiva da economia (GUEDES; QUEIROZ; VANWEY, 2009). Entretanto, uma literatura recente está tentando dar sentido a trocas buscando captar também aspectos sutis que não podem ser mensurados em termos monetários, mas que são fundamentais na vida cotidiana e influenciam o entendimento das estratégias discutidas pela teoria clássica (PADOCH et al., 2008).

Dentre estes aspectos estão as redes de ajuda que não caracterizam ajudas em um sentido de ir e vir, que seriam as trocas,

mas ajudas num sentido único, que apesar de terem motivações diferenciadas (práticas culturais, diferentes demandas) são aspectos essenciais do entendimento das redes sociais e, portanto, do capital social. Por esse motivo analisamos aqui a ajuda dada e recebida pela Unidade Doméstica (UD) a seus parentes e como tais trocas se caracterizam. Somada à ajuda está outra característica importante apontada já na literatura sobre dinâmicas populacionais na Amazônia e além dela (DE SHERBININ et al., 2008; MACIEL, 2012) que é como a mobilidade faz parte da estratégia de grupos familiares tanto como atividade, quanto como mecanismo para acessar, dispor, ou modificar seus capitais, qualidades e atributos. Assim, ao entender os lugares e a dimensão dos espaços usados pelas famílias seria possível entender dinâmicas populacionais em microescalas e dar sentido aos vários usos que se faz do espaço.

Por fim, é necessário falar sobre o que é chamado de urbano neste texto. Há uma extensa bibliografia sobre as particularidades tanto do processo de urbanização quanto das características do urbano na Amazônia. Dentre estas concordamos com a proposição de Becker (BECKER, 2013, 1988) que o urbano – um aglomerado residencial onde se concentram também serviços, funcionando como entreposto para o comércio e a troca de bens e o fluxo de pessoas e informações – seja antes de tudo o elemento chave da ocupação do espaço na região, e o ponto de partida para se visualizar e entender as dinâmicas dessa ocupação que caracteriza a *floresta urbanizada* (BECKER, 2013, 1988). Isto porque a ocupação do espaço amazônico se dá consoante uma prática de relações de exploração e transformação da floresta, o que faz com que o urbano e o rural constituam uma relação simbiótica. No entanto, discordamos que esse urbano seja por sua vez hierarquizado e concordamos com o trabalho de Browder e Godfrey (BROWDER; GODFREY, 1997) que propõem que esse urbano tem suas próprias redes, que não funcionam com a mesma lógica da sociedade tecnológica, mas sim segue os fluxos do comércio e das pessoas, o que tornaria o processo na Amazônia uma *urbanização desarticulada*.

Ao conceito de Browder e Godfrey (1997) seria importante juntar o conceito de *urbanização extensiva* de Monte-Mór (MONTE-

MÓR, 1994) que procura, a partir do trabalho de Becker, pensar as descontinuidades do urbano amazônico, em especial com relação à não participação em uma cadeia de eventos que levaria a um processo de urbanização como o experimentado por outras regiões do país, o que daria ao urbano amazônico uma característica de urbano na proposição, mas bastante rural na execução. Onde a lógica da cidade e da organização urbana orientaria a ocupação do espacial, cuja completude seja virtual e faltem serviços e a malha urbana propriamente dita. Dito isto se pode chegar ao urbano ao qual nos referimos aqui: em termos de dados circunscritos pelas determinações jurídico-administrativas do município, em termos teóricos uma configuração onde a virtualidade do urbano se impõe à forma de se ocupar o espaço, mas também se sobrepõe à realidade de uma rede de serviços, comércio, e organização urbana deficitária e incompleta. E assim podemos seguir para a apresentação dos dados e da área de estudo.

### **Dados, metodologia de análise e área de estudo**

Nesta seção apresentamos um pouco do banco de dados e metodologia de análise e também as áreas de estudo. Começando pelo de dados. Foram utilizados dados do banco do projeto *Amazonian Deforestation and the Structure of the Households*<sup>5</sup> captados através da realização de três surveys representativos para as áreas urbanas dos municípios de Altamira (janeiro de 2010) e Santarém (julho de 2009), no estado do Pará, e Lucas do Rio Verde (fevereiro de 2009) no estado do Mato Grosso. O survey compreendeu a aplicação de 500 questionários em cada área

---

<sup>5</sup> A pesquisa é uma parceria ente o Núcleo de Estudos de População (NEPO/Unicamp), Anthropological Center for training and research (ACT/Indiana), e Brown University e financiada pelo National Institute of Child Health and Human Development - NIH (grant # 2R56HD035811-08 and grant # R01-HD3581).

urbana e se utilizou do conceito de unidade doméstica<sup>6</sup> (UD) para definir a unidade representada pelo conjunto de membros que eram identificados pelos responsáveis<sup>7</sup> como pertencentes a uma unidade que compartilha renda, alimentos, e também, mas não necessariamente, a residência.

O grande diferencial deste survey e o que faz dele uma boa fonte de dados para trabalhar as questões que são recortadas aqui é a existência de informações sobre parentes que não fazem parte da UD. Assim, são coletadas informação sobre o local de residência, idade, existência de deficiência, escolaridade, estado civil, ajuda e visitas. Tais informações sobre pessoas que vivem fora do domicílio entrevistado e as relações entre elas ainda é escassa nos bancos de dados oficiais como o Censo Demográfico ou as Pesquisas de Amostra Domiciliares (PNAD) e por isso a escolha por se trabalhar com esses dados. Para tanto, a partir do banco original do survey, foi organizado um segundo banco de dados só com dados sobre os parentes (pais, mães, sogros, sogras, padrastos e madrastas) vivos, sendo aqueles fora das unidades domésticas 98.38% (3.209) do total.

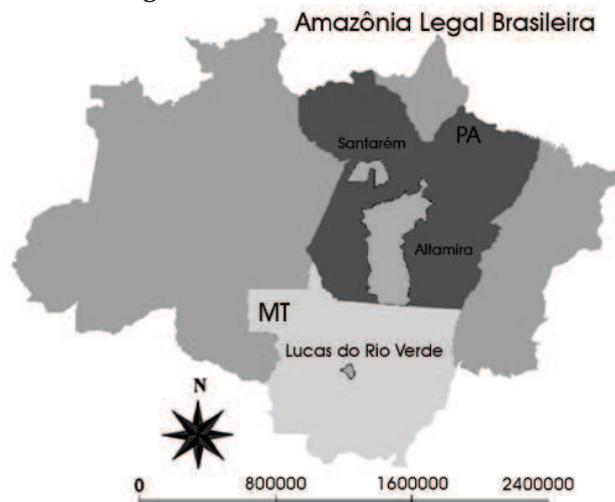
---

<sup>6</sup> Aqui utilizaremos o termo unidade doméstica, ao invés de domicílio, como tradução para *household*. Dentre as delimitações das duas categorias se poderia entrever uma perfeita sobreposição entre domicílio e unidade doméstica uma vez que em ambas está a ideia de que seriam constituídas de unidades habitacionais onde um grupo de indivíduos tomaria decisões de consumo e compartilharia renda e alimentos (GOLDSCHIEDER, 1995). Contudo, variações no conceito de *household* dão conta de que essa categoria não se restringe a uma única unidade habitacional, mas que pode ser constituída de diferentes unidades – distantes espacialmente – mas que compartilham laços de parentesco nas quais decisões, renda, e consumo são compartilhados (PRADO, 1982; RANDALL; COAST; LEONE, 2011), diferenciando-a da dimensão habitacional única do domicílio (o que também implica que as unidades domésticas aqui trabalhadas sejam compostas de uma ou mais unidades habitacionais).

<sup>7</sup> Embora fosse necessário identificar os responsáveis pela unidade doméstica para serem os respondentes do questionário, caracterizados como “dona” e “dono”, era através da “dona” que se identificava o parentesco e outras relações com os membros da unidade doméstica e dos parentes fora dela.

Como método para captar os elementos dos capitais caracterizados dentro dos “espaços de vida” foram executadas análises de correspondência simples (Correspondence Analysis – CORA) para entender as associações entre a localização das UDs, a localização dos parentes, e as trocas realizadas por ambos. Segundo Bartholomew et al (2008) esta metodologia é extremamente útil para visualizar e descrever empiricamente onde estão as associações mais fortes entre variáveis e assim ajudar a fortalecer relações analíticas entre conceitos. Os cálculos foram feitos como sugeridos por Bartholomew et al (2008) a partir do software estatístico R. Igualmente as áreas urbanas estudadas longe de se caracterizarem como áreas metropolitanas são casos interessantes uma vez que representam cidades com tamanho, idades e importância regional diferenciadas. A localização dos municípios dentro nos estados é apresentada na Figura 1:

**FIGURA 1 – Localização das áreas de estudo, dentro dos estados da Amazônia Legal**



Fonte: Banco de dados cartográficos do site do IBGE trabalhados no software TerraView. Disponível em: <<http://goo.gl/3ecZwp>>. Acesso em jan. 2015.

A primeira delas, Altamira, situada na margem do Rio Xingu, foi criada como aldeamento indígena entre os séculos XVIII e XIX, teve um impacto com a produção da borracha durante os anos 30 e 40, mas o maior impacto foi o do projeto de colonização ao longo da Rodovia Transamazônica que perdurou de 1971 a 1989. O projeto transformou a paisagem tanto quanto a dinâmica populacional, alçando a cidade de vila ribeirinha a um dos centros regionais no sudeste paraense (UMBUZEIRO, 1999). No período recente a região está em evidência por ser a localidade sede do projeto de construção da hidrelétrica de Belo Monte. A hidrelétrica, autorizada em 2011, deve entrar em operação até o fim de 2015 e tem sido objeto de estudos e debates por seus impactos ambientais e sociais (FLEURY; ALMEIDA, 2013).

A segunda, Santarém, situada no encontro entre os rios Tapajós e Amazonas, teve sua fundação no século XVII, já com um papel de centro regional, e teve seu desenvolvimento estreitamente relacionado aos vários ciclos econômicos que se deram na Amazônia (TOLEDO, 2011). Ali os projetos de colonização e infraestrutura tiveram menos impacto, possivelmente pela importância geográfica da cidade que está em um ponto estratégico para o deslocamento entre a parte oriental e ocidental da Amazônia brasileira, e por ser um caminho direto para a foz do Amazonas e a exportação. Talvez o maior impacto dos projetos de infraestrutura tenha sido a criação de rodovias, principalmente as federais como a Rodovia Cuiabá-Santarém (BR163), que expandiu ainda mais a característica de entreposto comercial da cidade, já que continua a escoar a produção agropecuária, e contemporaneamente de soja.

Por fim, Lucas do Rio Verde, o mais recente dos três municípios, só é oficialmente fundado em 1982, quando já havia ali uma comunidade formada a partir de um projeto de colonização que trazia colonos do sul do país para “ajudar” na “abertura e ocupação” da Amazônia (ZART, 1998). Contudo, sua juventude em termos de tempo de ocupação da área não se reflete na sua dinâmica, sendo uma das maiores cidades produtoras de soja do

norte do Mato Grosso e um dos polos de expansão da indústria de alimentos<sup>8</sup> no país.

Em um comparativo de dados sobre as três cidades em tempos recentes a Tabela 1<sup>9</sup> mostra que nas três áreas o crescimento populacional foi positivo, mas que Lucas do Rio Verde, apesar de ter o menor volume populacional, teve o maior incremento na última década. Outro dado interessante é o grau de urbanização que revela uma concentração da população no urbano que ultrapassa os 70% em todas as áreas. Finalmente, na distribuição por sexo, vemos que há certo equilíbrio nos dois primeiros municípios (Santarém e Altamira), mostrando Lucas do Rio Verde com uma leve tendência de ter uma maior população de homens. Se esses dados municipais se desdobrarem para as áreas urbanas dos municípios essa tendência permanece com uma certa estabilidade para Santarém (101,28), um leve aumento do número de mulheres em Altamira (97,46), e novamente uma tendência a um número maior de homens em Lucas do Rio Verde (110,16).

---

<sup>8</sup> É hoje, um dos eixos centrais do complexo carne-soja que se estabeleceu no Mato Grosso (BRANDO et al., 2013; VANWEY et al., 2013).

<sup>9</sup> Os dados se referem aos municípios como um todo não fazendo distinção entre áreas urbanas e rurais.

**TABELA 1 – Caracterização dos municípios da área de estudo para 2010 a partir dos dados censitários**

Variáveis	Santarém (PA)	Altamira (PA)	Lucas do Rio Verde (MT)
Taxa de crescimento 2000-2010 (% ao ano)*	1,16	2,49	8,96
Área (km <sup>2</sup> )	22.886,624	159.533,730	3.663,994
População total (hab)	294.580	99.075	45.566
Grau de urbanização* (%)	73%	85%	93%
Razão de sexo <sup>◊</sup>	102,01	101,14	111,49
Razão de Dependência Total <sup>‡</sup>	0,586	0,538	0,379
Quociente Idosos-Jovens <sup>∞</sup>	0,171	0,144	0,087

Fonte: Tabulação própria a partir dos dados dos Censos Demográficos 2000 e 2010 disponíveis no SIDRA-IBGE ([www.sidra.ibge.gov.br](http://www.sidra.ibge.gov.br)) e no canal Cidades@ ([www.cidades.ibge.gov.br](http://www.cidades.ibge.gov.br)).

Notas: \* Taxa de crescimento geométrico usada para calcular a média de crescimento ao ano por um período determinado, no caso aqui o período entre os censos de 2000 e 2010. Expressa pela equação:  $r = ((\text{Pop em 2010}/\text{Pop 2000})^{10}(\text{período}) - 1) * 100$ .

◊ O grau de urbanização é representado pelo volume de população recenseada residente na área urbana sobre a população total recenseada no município.

◊ A razão de sexo é um indicador representado pela razão entre o volume de homens sobre o volume de mulheres ( $H/M * 100$ ). Assim, uma razão de valor 100 representa equilíbrio entre homens e mulheres, valores acima de 100 representam um volume maior de homens e um valor abaixo de 100 um volume maior de mulheres.

‡ A razão de dependência é representada pela proporção da população chamada “em idade ativa”, ou seja, a população em idade e condições de trabalhar (15 a 65 anos), sobre a população de crianças (< 15) e idosos (65+).

∞ O quociente idosos-jovens representa a razão entre o volume de população idosa sobre o volume de população jovem e ilustra a diferença de volume entre os dois grupos. Valores abaixo de 1 (um) representam uma população idosa menor do que a de jovens, valores acima de 1 (um) uma população idosa maior que a de jovens.

Do mesmo modo, são interessantes as tendências apontadas pela razão de dependência e o quociente idosos-jovens que dão indicativos da distribuição etária nas áreas de estudo. A razão de dependência aponta para uma distribuição etária equilibrada entre a população em idade ativa e a população idosa somada à população jovem nos dois primeiros municípios. Somando a esse dado os resultados do quociente idosos-jovens para os mesmos dois municípios observa-se uma população de jovens de volume superior ao de idosos, o que indica que a população de ambos ainda tem uma estrutura etária jovem. Diferente desta tendência, Lucas do Rio Verde apresenta uma maior população em idade ativa do que de jovens e idosos, e um quociente idosos-jovens que mostra uma população cuja proporção de jovens é ainda maior do que nos outros municípios.

Portanto, a população dos três municípios, embora com diferentes estruturas etárias, era, em 2010, estruturalmente jovem, com variações significativas no tamanho da população em idade ativa. E por terem essa população ainda estruturalmente jovem é que se propôs analisar a relação entre pais e filhos hoje, pois pensar estas relações familiares pode ajudar a entender como os filhos adultos se relacionam com seus pais que residem em outras unidades domésticas e como estão vivenciando o envelhecimento dos mesmos.

### **Das trocas e do cuidado na perspectiva do urbano amazônico**

Como foi dito acima, aqui se apontam caminhos para pensar a ajuda e a localização espacial dos parentes como parte do “espaço de vida” das famílias<sup>10</sup>, mas antes de passar para as análises

---

<sup>10</sup> Lembrando que há também 6 possíveis respostas para cada UD (pai, mãe, sogro, sogra, padrasto, madrastra) presentes ou não, a depender do estado civil da(o) responsável e do parente, da história de vida (separação, recasamento, criação apenas por um dos pais), e da sobrevivência das gerações imediatamente anteriores aos entrevistados.

apresentamos alguns dados sobre a população de pais encontrada. Começamos pela idade dos pais, lembrando que, como apontaram os dados da Tabela 1, as UD's estão em municípios cuja população é estruturalmente jovem e por isso se espera que seus pais sejam também relativamente jovens. Os dados demonstraram que os pais (e os sogros) que vivem em outras UD's são mesmo relativamente jovens, com a concentração em grupos etários de 50 a 69 anos<sup>11</sup> (49% Santarém, 44% Altamira, 48% Lucas do Rio Verde), com o segundo grupo mais numeroso de 70 a 79 anos (21% Santarém, 16% Altamira, 15% Lucas do Rio Verde).

Do mesmo modo, ao ser perguntado se alguns dos pais que vivem em outra UD têm alguma deficiência foram reportados apenas 356 (11%) parentes com alguma deficiência dentre os 3.209 vivos e residentes em outro domicílio. Dentre os 53 parentes que residiam na UD, 21% reportaram ter alguma deficiência. Para ambos os grupos a dependência também ocorre em idades cada vez mais avançadas, tendo 20% deles entre 60 e 69 anos e 47% acima de 70 anos. Buscando o entendimento destas especificidades locais nas áreas de estudo elaboramos as análises de correspondência<sup>12</sup> (Figura 2, Figura 3). Elas ajudariam a entender quais as questões que perpassariam os "espaços de vida" (gênero, etária, proximidade física) dessas famílias. As figuras são diagramas nos quais quanto mais próximos os pontos que representam as duas variáveis analisadas, maior a associação entre elas. Do mesmo modo, quanto mais próximos do eixo mais fraca a associação e quanto mais longe mais forte.

Assim, temos a Figura 2 que mostra os locais de moradia dos parentes e os relaciona com o parentesco que estes têm com a UD de referência. A escolha por se começar a análise procurando por estas relações é incentivada por outros trabalhos que têm

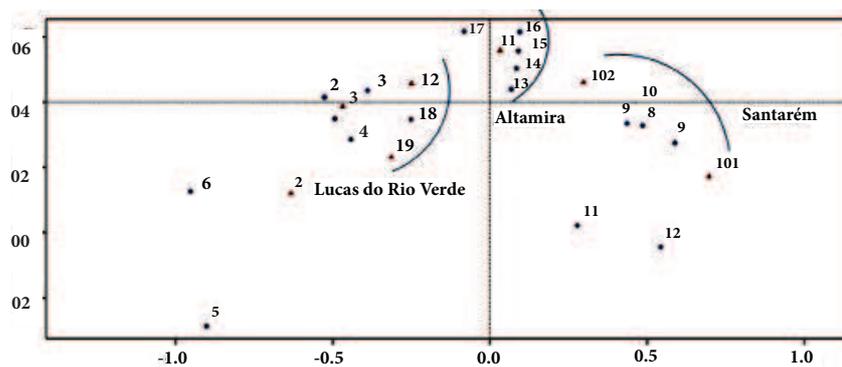
---

<sup>11</sup> A legislação brasileira (Estatuto do idoso, lei federal no 10.741) regulamenta como população idosa aquela composta por pessoas de 60 anos ou mais, contudo neste texto consideramos como idoso a população de 65 anos ou mais.

<sup>12</sup> Para facilitar a organização dos dados utilizamos legendas para as três áreas: LRV - Lucas do Rio Verde; STM - Santarém; ATM - Altamira.

encontrado uma seletividade nos padrões de residência (com uma saída de jovens que vão estudar ou idosos que vão morar nas cidades e são acompanhados pelas mulheres); ou uma estratégia de diversificação do trabalho – em que alguns membros vão para a cidade e alguns permanecem no lote rural, caracterizando unidades domésticas multilocais, ou seja, que se configuram em uma ou mais UD's distantes espacialmente (BARBIERI; PAN, 2013).

**FIGURA 2 – Diagrama de pontos simétricos da análise de correspondência das relações de parentesco por área urbana da UD de referência e localidade de residência do parente residindo fora, no período 2009-2010**

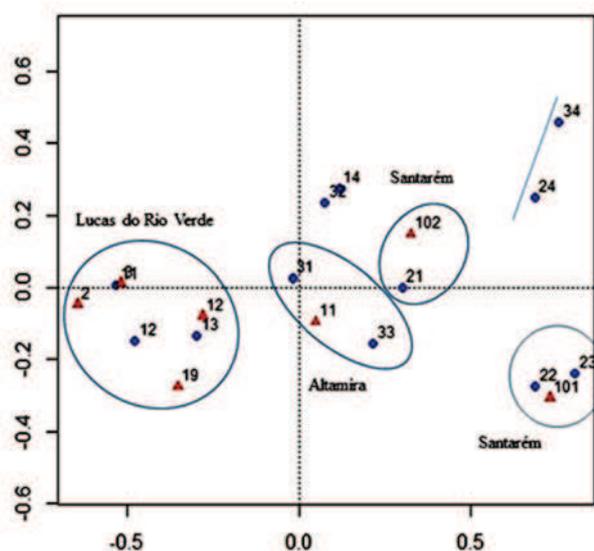


**Legenda**

- Localiza;áo do domicílio
- 2 – Rural em outro estado 3 – Urbano em outro estado 11 – Rural no mesmo estado 12 – Urbano no mesmo estado 19 – Mesmo estado (sem informa;áo para Situaçáo de domicílio) 101 – Rural no mesmo município 102 – Urbano no mesmo município
- ▲ Relaçáo de parentesco
- 1 – pai LRV; 2 – mãe LRV; 3 – sogro LRV; 4 – sogra LRV; 5 – padrasto LRV; 6 – madrastra LRV; 7 – pai STM; 8 – mãe STM; 9 – sogro STM; 10 – sogra STM; 11 – padrasto STM; 12 – madrastra STM; 13 – pai ATM; 14 – mãe ATM; 15 – sogro ATM; 16 – sogra ATM; 17 – padrasto ATM; 18 – madrastra ATM.

Fonte: Representaçáo Gráfica da saída de dados da Análise de Correspondência obtida através do pacote estatístico R com dados tabulados e trabalhados pela autora a partir do banco de dados dos surveys urbanos do projeto *Amazonian Deforestation and the Structure of the Households – phase III*. Os dados foram colhidos entre fevereiro de 2009 e fevereiro de 2010.

**FIGURA 3 – Diagrama de pontos simétricos da análise de correspondência das trocas por área urbana da UD de referência e local de residência, para o período 2009-2010**



#### Legenda

● Trocas

11 – não há trocas LRV; 12 – só recebe ajuda LRV; 13 – só ajuda LRV; 14 – troca LRV; 21 – não há trocas STM; 22 – só recebe ajuda STM; 23 – só ajuda TM; 24 – troca STM; 31 – não há trocas ATM; 32 – só recebe ajuda ATM; 33 – só ajuda ATM; 34 – troca ATM.

▲ Localização do domicílio.

2 – rural em outro estado; 3 – urbano em outro estado; 11 – rural no mesmo estado; 12 – urbano no mesmo estado; 19 – mesmo estado (sem informação de situação de domicílio); 101 – rural no mesmo município; 102 – urbano no mesmo município.

Fonte: Representação Gráfica da saída de dados da Análise de Correspondência obtida através do pacote estatístico R com dados tabulados e trabalhados pela autora a partir do banco de dados dos surveys urbanos do projeto *Amazonian Deforestation and the Structure of the Households – phase III*. Os dados foram colhidos entre fevereiro de 2009 e fevereiro de 2010.

Os resultados demonstram uma possível associação entre padrões de residência e cada área de estudo, o que caracterizaria essa dispersão espacial como uma busca por capitais, qualidades e atributos (em uso ou acessíveis) distintos em cada uma delas. Este seria um indício de como os “espaços de vida” dos grupos domésticos podem ajudar a entender/refletir “estratégias de sobrevivência” diversas, demonstrando um uso muito positivo do conceito de espaço de vida para captar elementos do capital físico e social. Os resultados mais relevantes são destacados no gráfico. É possível ver, em Altamira, a associação de parentes com as áreas rurais no mesmo estado, mas não no mesmo município. Essa tendência pode ser um desdobramento do tipo de ocupação caracterizada por lotes rurais ao longo da rodovia Transamazônica, onde a cidade polariza regionalmente os serviços e por isso talvez atraia pessoas de todo o entorno. Ao mesmo tempo vemos Santarém com as mais fortes associações de parentes residindo no mesmo município, tanto em áreas urbanas como rurais. Aqui também o espaço ocupado pelos grupos familiares estaria relacionado à forma pela qual se deu a ocupação local. Sendo Santarém um centro regional e tendo uma importância urbana antiga, assim como uma economia local rural, se consolida uma ocupação com alta relação entre urbano e rural e com uma fixação regional grande.

Finalmente para Lucas do Rio Verde vemos associações mais fortes com parentes que residem em áreas urbanas em outros estados com algumas sogras e sogros residindo em áreas urbanas no mesmo estado. De modo que as características das estratégias em Lucas do Rio Verde parecem fixadas em migrações de áreas urbanas para áreas urbanas, sabendo-se que nessa área há uma maior disponibilidade de empregos urbanos que nas outras duas. Importante notar que a diversificação do local de moradia não tem grandes alterações em função do sexo do parente, demonstrando que este não é um fator tão decisivo para o entendimento da dispersão dos grupos familiares no contexto das áreas estudadas.

As associações encontradas apontam para estratégias ancoradas em mobilidade intramunicipal (Santarém), ou intraestadual/interestadual no sentido rural-urbano (Altamira)

e urbano-urbano (Lucas do Rio Verde). Esta seria parte de uma estratégia de diversificação de atividades (trabalho rural e trabalho urbano) e acessos a capitais (alimentos do lote, serviços na cidade) a partir de redes familiares, reforçando a importância da temática da multilocalidade e das abordagens a partir da família como meios de se entender dinâmicas populacionais e sua relação com o território.

Por fim, o aspecto interessante sobre todas as três áreas é que são negativamente associadas a parentes que residam em áreas rurais em outros estados, reforçando a hipótese de que as principais trajetórias migratórias de curta ou longa distância sejam entre áreas urbanas, tendo as migrações rural-urbano um caráter mais regional e de curta distância. Lembrando-se que esses dados se referem a um contexto contemporâneo, situado entre 2009 e 2010, e não podem ser extrapolados para análises de processos de mais longa duração, mesmo que apresentem resquícios de processos nos quais estejam incluídos.

Contudo, teria a distribuição espacial dos parentes reflexo nas trocas? Tentando responder a essa pergunta a Figura 3 relacionou a ajuda ao local de residência do parente. Note-se que há uma associação entre trocas e local de residência que reverbera os resultados da Figura 2, entretanto, na Figura 3 vemos que as categorias de troca dos parentes se diferenciam segundo a área de estudo com as UD's de Santarém mais associadas a ajudar e receber ajuda mais dos parentes das áreas rurais, enquanto que com os parentes da área urbana não há ajudas ou trocas. Para Altamira, os parentes residentes na área rural parecem ajudar as UD's, ou pouca associação entre qualquer ajuda em contrapartida das UD's ou trocas. Finalmente para Lucas do Rio Verde parece que as UD's ou ajudam ou recebem ajuda dos seus parentes espalhados em outras áreas urbanas, ou eventualmente não se ajudam, nem trocam.

Há pouca associação das trocas com o sexo do parente, reforçando o fato de que as ajudas possivelmente entram em atividade quando há demandas não supridas pela UD, e também que a ajuda não parece ser similar em nenhuma das localidades.

Uma possível análise sobre esse dado talvez seja o fato de que só há ajuda, o que torna possível captá-las, quando a necessidade se apresenta, ficando latente quando a necessidade cessa – sendo tal latência expressa como inexistência de ajuda em termos de dados.

Esse dado reforçaria a hipótese de que as redes de suporte familiares seriam parte dos capitais sociais que embora sejam importantes componentes das estratégias de sobrevivência teriam atividade condicionada à demanda por utilização desse capital, fazendo com que sejam difíceis de qualificar e quantificar pela sua natureza inconstante e particular dentro de cada grupo familiar.

Continuando, ao olhar para os resultados vemos que é possível entender aspectos dos “espaços de vida” a partir da leitura conjunta de ambos. Igualmente, os “espaços de vida” captados aqui circunscreveriam diferentes lugares em cada uma das áreas de estudo. Isso porque a distribuição espacial dos parentes (entrevistados e seus pais) parece refletir o processo de ocupação tanto quanto a dinâmica da mobilidade espacial na atualidade em cada área de estudo. E o casamento desse dado (correspondente ao capital físico das famílias) com a ajuda (correspondente ao capital social) demonstraram que o local de residência de membros estaria ligado a uma estratégia de promover uma maior resiliência da família complementada pela ajuda e a forma como ela se dá (só recebe, só oferece, troca).

Colocando em análise pode-se dizer que os dados para Lucas do Rio Verde nos levam a visualizar um espaço de vida bastante extenso em que a família se distribui essencialmente entre áreas urbanas, em regra em diferentes estados e que quando necessário há trocas. Para Santarém vemos um arranjo mais regional com uma extensão menor, mas centralizado em arranjos entre áreas rurais e urbanas. Igualmente, a ajuda parece acontecer tanto no sentido urbano (filhos) – rural (pais), quanto no sentido oposto, reforçando a relação rural-urbano e sua possibilidade de ser parte da estratégia familiar para atingir uma maior resiliência.

Finalmente, em Altamira vemos um espaço de vida que parece ter um espectro mais amplo do que Santarém – apesar não interestadual como Lucas do Rio Verde – mas que também

engloba relações rural-urbano nas quais as áreas urbanas (filhos) aparecem como suporte para as áreas rurais (pais), sem que haja muita contrapartida. Desta forma os elementos recortados aqui e analisados conjuntamente como componentes dos “espaços de vida” se mostram capazes de captar três diferentes dinâmicas entre as famílias das áreas de estudo. Do mesmo modo, conferem elementos analíticos importantes para pensar as “estratégias de sobrevivência familiar”.

Portanto, as “estratégias de sobrevivência familiar” nas áreas urbanas da Amazônia, ao menos naquelas estudadas aqui, têm na distribuição espacial do grupo familiar e nas ajudas dois elementos caracterizadores, o primeiro um atributo e o segundo um capital. Estes atributos variam segundo as necessidades e os contextos em que os grupos estão imersos, revelando formas diferenciadas desses grupos se movimentarem no espaço; enquanto os capitais funcionam de forma aleatória, também a depender do contexto e das demandas dos membros dos grupos. Nesse sentido, as UD's funcionariam como recortes do grupo familiar cuja localização e demanda ficam a depender, entre outros fatores, da independência e sustentabilidade que cada UD consiga.

### **Considerações finais**

Este texto buscou entender a aspectos da dinâmica populacional a partir do recorte da família enquanto unidade de análise sob a perspectiva dos “espaços de vida” enquanto ferramenta de operacionalização das “estratégias de sobrevivência familiar”. Dentre a miríade de relações de parentesco que poderiam ser exploradas, a escolha foi por pais e filhos. Os resultados demonstraram que as categorias são válidas enquanto objetos de análise para compor os “espaços de vida” mostrando existir uma diversificação para cada uma das áreas de estudo.

Igualmente, a análise do local de moradia dos parentes joga luz sobre padrões de dispersão espacial do grupo familiar nas três áreas estudadas demonstrando diferentes tendências. Com isso

podemos pensar em Santarém com uma dispersão em espaços de maior proximidade, em nível local, do tipo rural-urbano ou urbano-urbano. Diferente dela, Altamira demonstra uma tendência mais regional, do tipo rural-urbano. E por fim, temos Lucas do Rio Verde com uma forte mobilidade urbano-urbano, seja dentro do estado ou interestadual.

Seguindo com a análise, os dados sobre ajuda mostraram certa independência apresentada pela unidade doméstica entrevistada motivada talvez, pelo acesso facilitado a serviços, como saúde e educação, e/ou melhores condições de moradia. Outra hipótese complementar seria que a ajuda é um elemento importante na dinâmica das famílias, porém intermitente, tornando-o difícil de captar. Assim, ter parte (ou toda) a família residindo em áreas urbanas é possivelmente uma estratégia familiar, garantindo acesso a serviços que minimizam a necessidade de ajuda, limitando a atividade das redes familiares à necessidade de acionamento. Essa caracterização mostra que as famílias criam “espaços de vida” particulares em cada uma das áreas de estudo, e que influenciadas pela dinâmica econômica e pelo processo de ocupação local elaboram suas próprias estratégias.

Tais tendências parecem apontar para o papel das áreas urbanas na distribuição e dinâmica da população na Amazônia, onde ainda se pode seguir o argumento de Becker (BECKER, 2013; 1988) de que a forma de ocupação da região é dada pelo urbano como centro de sua estruturação e desenvolvimento. As ligações entre as áreas urbanas (ou delas com as áreas rurais) parecem dar as condições para que as estratégias se multipliquem, permitindo variações no tamanho do grupo que está envolvido no seu planejamento e execução, e melhor ajustando-se aos constrangimentos e vulnerabilidades que pretendem mitigar.

## Referências

- BARBIERI, A. F.; PAN, W. K. People, Land, and Context: Multilevel Determinants of Off-farm Employment in the Ecuadorian Amazon. *Population, Space and Place*, v. 19, n. 5, p. 558–579, 24 set. 2013.
- BARTHOLOMEW, D. J. et al. Correspondence Analysis. In: BARTHOLOMEW, D. J. et al. (Eds.). *Analysis of Multivariate Social Science Data*. 2nd. ed. Boca Raton, FL: Taylor & Francis Group/ Chapman & Hall/CRC, 2008. p. 83–116.
- BECKER, B. *A Urbe Amazônida*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2013.
- BECKER, B. K. Significância contemporânea da fronteira: uma interpretação geopolítica a partir da Amazônia Brasileira. In: AUBERTIN, C. (Ed.). *Fronteiras*. Brasília/Paris: Editora Universidade de Brasília/ORSTOM, 1988. p. 60–90.
- BLAAUBOER, M.; STRÖMGREN, M.; STJERNSTRÖM, O. Life Course Preferences, Sibling Ties, and the Geographical Dispersion of Sibling Networks. *Population, Space and Place*, v. 19, n. 5, p. 594–609, 30 set. 2013.
- BRANDO, P. M. et al. Ecology, economy and management of an agroindustrial frontier landscape in the southeast Amazon. *Philosophical transactions of the Royal Society of London. Series B, Biological sciences*, v. 368, n. 1619, 5 jun. 2013.
- BROWDER, J. O.; GODFREY, B. J. *Rainforest cities: Urbanization, development, and globalization of the Brazilian Amazon*. New York: Columbia University Press, 1997.
- CONWAY, D.; COHEN, J. H. Local Dynamics in Multi-local, Transnational Spaces of Rural Mexico: Oaxacan Experiences. *International Journal of Population Geography*, n. 9, p. 141–161, 2003.

- COURGEAU, D. Relations entre cycle de vie et migrations. *Population (french edition)*, v. 39, n. 3, p. 483–513, 1984.
- COURGEAU, D. Constitution de la famille et urbanisation. *Population (french edition)*, v. 42, n. 1, p. 57–81, 1987.
- DE SHERBININ, A. et al. Rural Household Demographics, Livelihoods and the Environment. *Global environmental change: human and policy dimensions*, v. 18, n. 1, p. 38–53, fev. 2008.
- ELDER, G. H. Families and Lives: Some Developments in Life-Course Studies. *Journal of Family History*, v. 12, n. 1, p. 179–199, 1 jan. 1987.
- FLEURY, L. C.; ALMEIDA, J. A construção da usina hidrelétrica de Belo Monte: Conflito ambiental e o dilema do desenvolvimento. *Ambiente & Sociedade*, v. 16, n. 4, p. 141–158, 2013.
- GLICK, P. C. Updating the life cycle of the family. *Journal of marriage and family*, v. 39, n. 1, p. 5–13, 2009.
- GOLDSCHIEDER, F. Interpolating Demography with Family and Households. *Demography*, v. 32, n. 3, Family and Household Demography, p. 471–480, 1995.
- GUEDES, G. et al. Ciclo de vida domiciliar, ciclo do lote e mudanças no uso da terra da Amazônia: revisão crítica da literatura. *Revista Brasileira de Estudos de População – REBEP*, v. 28, n. 1, p. 231–240, 2011.
- GUEDES, G. R.; QUEIROZ, B. L.; VANWEY, L. K. Transferências intergeracionais privadas na Amazônia rural brasileira. *Nova Economia*, v. 19, n. 2, p. 325–357, 2009.
- HINTZE, S. Capital Social y Estrategias de supervivencia. Reflexiones sobre el “Capital Social de los pobres”. In: DANANI, C. (Ed.). *Políticas sociales y economía social: debates fundamentales*. Buenos Aires: UNGS-Fundación OSDE-Editorial Altamira, 2004. p. 143–166.
- LOMBARDI, T. T. DO N. *A(s) fronteira(s) amazônica(s)*. Dinâmicas populacionais pensadas a partir do estudo de estratégias de

- sobrevivência em três áreas urbanas da Amazônia brasileira. (Tese de doutorado em Demografia) Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, 2014a.
- LOMBARDI, T. T. DO N. Encontrar estratégias de sobrevivência familiares a partir de surveys socioeconômicos: o uso de técnicas de análise multivariada como metodologia de abordagem. *Textos NEPO*, n. 67, Campinas: NEPO, 2014b.
- MACIEL, L. *O sentido de melhorar de vida: arranjos familiares na dinâmica das migrações rurais-urbanas em São Carlos-SP*. (Dissertação de mestrado em Sociologia) Universidade Estadual de Campinas, 2012.
- MONTE-MÓR, R. L. D. M. Urbanização extensiva e lógicas de povoamento: um olhar ambiental. In: *Território, Globalização e Fragmentação*. São Paulo: Hucitec/ANPUR, 1994, p. 169–181.
- OLIVEIRA, M. C. F. A. *Algumas notas sobre o “ciclo vital” como perspectiva de análise*. Campinas (mimeo).
- PADOCH, C. et al. Urban Forest and Rural Cities : Multi-sited Households , Consumption Patterns , and Forest Resources in Amazonia. *Ecology & Society*, v. 13, n. 2, p. article 2, 2008.
- PRADO, R. DE P. S. Conceito de família e domicílio. *Revista Brasileira de Estatística*, v. 43, n. 170, p. 275–299, 1982.
- PRIETO, M. C. V. Apuntes teóricos para la discusión sobre el concepto de estrategias en el marco de los estudios de población. *Estudios Sociológicos*, v. 16, n. 46, p. 69–88, 1998.
- RAKODI, C. A Livelihoods Approach – conceptual issues and definitions. In: RAKODI, C.; LLOYD-JONES, T. (Eds.). *Urban Livelihoods: A People Centred Approach to Reducing Urban Poverty*. London: Earthscan, 2002. p. 3–22.
- RANDALL, S.; COAST, E.; LEONE, T. Cultural constructions of the concept of household in sample surveys. *Population studies*, v. 65, n. 2, p. 217–29, jul. 2011.

- SCOONES, I. *Sustainable rural livelihoods: a framework for analysis* IDS Working Paper: IDS Working papers. University of Sussex – Sussex: Institute of Development Studies (IDS), 1998.
- SEN, A. *Development as freedom*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- TOLEDO, M. Os processos de modernização agrícola na região amazônica: transformações recentes na dinâmica produtiva do município de Santarém (Pará). *Geosul*, v. 26, n. 52, p. 77–97, 2011.
- TORRADO, S. Sobre los conceptos de “Estrategias Familiares de Vida” y “Proceso de reproducción de la fuerza de trabajo”: Notas teórico-metodológicas. *Demografía y Economía*, v. 15, n. 2, p. 204–233, 1981.
- UMBUZEIRO, U. M. *Altamira e sua história*. Altamira: Prefeitura Municipal de Altamira, 1999.
- VANWEY, L. K. et al. Socioeconomic development and agricultural intensification in Mato Grosso. *Philosophical transactions of the Royal Society of London. Series B, Biological sciences*, v. 368, n. 1619, p. 20120168, 5 jun. 2013.
- VANWEY, L. K.; GUEDES, G. R.; D’ANTONA, A. O. Out-migration and land-use change in agricultural frontiers: insights from Altamira settlement project. *Population and environment*, v. 34, n. 1, p. 44–68, set. 2012.
- ZART, L. L. *Desencanto na nova terra: assentamento no município de Lucas do Rio Verde - MT na década de 80*. [s.l.] Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.